

# PAUL RICOEUR E PAPA JOÃO PAULO II: UM DIÁLOGO SOBRE O PERCURSO DO PERDÃO À PAZ

## PAUL RICOEUR AND POPE JOHN PAUL II: A DIALOGUE ON THE PATH FROM FORGIVENESS TO PEACE

---

Vera Regina Cunha Cancio  
Universidade Católica de Petrópolis,  
Brazil  
[vera.42140129@ucp.br](mailto:vera.42140129@ucp.br)

---

Recebido: 09/16/2022

Aceito: 09/20/2022

Publicado: 09/26/2022

---

Resumo: O presente artigo busca analisar o perdão à luz de Paul Ricoeur, tendo como ponto de partida a memória e o esquecimento, e as mensagens dos anos de 1997 e 2002 do Papa João Paulo II, feitas para celebração do Dia Mundial da Paz, que tratam de perdão e paz, para ao final elaborar um diálogo sobre o percurso do perdão à paz.

Palavras-chave: Perdão. Paz. Paul Ricoeur. Papa João Paulo II.

Abstract: This article aims to analyze forgiveness according to Paul Ricoeur view, using memory and forgetfulness as its starting point as well as the 1997 and 2002 messages of Pope John Paul II, made for the celebration of the World Day of Peace, which deal with forgiveness and peace, in order to elaborate a dialogue about the path from forgiveness to peace.

Keywords: Forgiveness. Peace. Paul Ricoeur. Pope John Paul II.

## **I. Introdução**

O presente estudo busca fazer um diálogo sobre o percurso do perdão à paz, através dos ensinamentos de Paul Ricoeur e das mensagens do Papa João Paulo II acerca do tema.

Começo analisando o perdão à luz dos ensinamentos do filósofo Paul Ricoeur, traçando um paralelo com a memória e o esquecimento.

De acordo com o Paul Ricoeur (2008, p. 196,197) o perdão não pertence à ordem jurídica, nem sequer pertence ao plano do direito. O perdão escapa ao direito tanto por sua lógica quanto por sua finalidade. Pertence a uma economia da dádiva, em razão da lógica de superabundância que o articula e que deve ser oposta à lógica de equivalência, que rege a justiça. O perdão é um valor não só suprajurídico, mas supra-ético. Repercutindo na justiça em manifestações de compaixão e benevolência, como se a justiça, tocada pela graça, tivesse em vista a equidade.

Em um segundo momento, passo a analisar duas mensagens do Papa João Paulo II, feitas para celebração do Dia Mundial da Paz, que tratam de perdão, a saber: “Oferece o perdão, recebe a paz”, mensagem do XXX Dia Mundial da Paz, celebrado em 01º de janeiro de 1997; e “Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão”, mensagem do XXXV Dia Mundial da Paz, celebrado em 01º de janeiro de 2002.

Considerando os ensinamentos de Paul Ricoeur acerca do perdão, e as mensagens de João Paulo II exortando o perdão como instrumento de pacificação social, estabeleço um diálogo sobre o percurso do perdão à paz.

Por fim, busco demonstrar que, o perdão aproxima pessoas e povos na busca da implementação de uma Cultura de Paz, fortalecendo os laços de respeito, solidariedade, compreensão, tolerância em todos os níveis da sociedade e entre as nações.

Para atingir os objetivos propostos, o presente estudo se dará por meio de revisão de cunho bibliográfico em uma abordagem qualitativa.

## **II. O perdão à luz de Paul Ricoeur**

O perdão não pertence à ordem jurídica, nem ao plano do direito, mas a uma economia da dádiva. A finalidade do perdão está relacionada com a memória. Entretanto, não

busca apagar a memória, não se trata do esquecimento. Ao contrário, busca anular a dívida e não o esquecimento (RICOEUR, 2008, p. 196).

O perdão é uma espécie de cura da memória, encerra o luto, retira o peso da dívida e a memória fica livre para grandes projetos. O perdão dá futuro à memória (RICOEUR, 2008, p. 196). É neste sentido que o perdão pode curar. Porque o perdão não se refere aos acontecimentos cujas marcas devem ser protegidas, mas à dívida cuja carga paralisa a memória e, em consequência, a capacidade de se projetar de forma criadora no porvir. (RICOEUR, sem data, p. 07).

Ricoeur (sem data, p. 07) utiliza a noção freudiana de “trabalho de lembrança” e “trabalho de luto”, para esclarecer que o perdão não se resume apenas a esta adição. A junção de ambos traz aquilo que em si não é trabalho, mas precisamente dom. O que o perdão acrescenta ao “trabalho de lembrança” e ao “trabalho de luto” é a sua generosidade.

Nesta esteira, a primeira relação com o perdão consiste em pedi-lo, não em exercê-lo, ou dá-lo. O perdão deve ser pedido à vítima, e quem o pede deve estar pronto para sua recusa. Perdão pedido não é perdão devido, não há direito em ser perdoado. É com o preço destas reservas que a grandeza do perdão se manifesta. Nele descobre-se toda a extensão do que se pode chamar a “economia do dom”, se caracterizarmos este pela lógica da superabundância que distingue o amor da lógica da reciprocidade, da justiça (RICOEUR, sem data, p. 07).

Ricoeur (2007, p. 488) destaca que ao alinharmos o perdão com a circularidade do dom, não distinguimos entre perdão e retribuição, os igualamos. Consequentemente, somos confrontados com o mandamento radical de amar os inimigos sem recompensa. O inimigo não pediu perdão, é preciso amá-lo tal como ele é. Entretanto, esse mandamento não se volta apenas contra o princípio da retribuição, nem apenas contra a lei de talião, mas contra a Regra de Ouro que deveria romper o talião: “Não faça aos outros, o que não deseja que te façam”. É a reciprocidade que está em questão.

Em contrapartida, a Regra de Ouro dos evangelistas está prevista nas Sagradas Escrituras, no livro de Lucas, capítulo 6, versículos 32-37: “Se amais os que vos amam, que reconhecimentos tereis? Pois os pecadores também amam os que os amam; ... mas amai vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem nada esperar em troca” (RICOEUR, 2007, p. 488).

Ora, para os críticos a medida absoluta do dom é o amor aos inimigos. Mas, isto é falso, pois o que se espera do amor, é que converta o inimigo em amigo (RICOEUR, 2007, p. 489).

Sob outro enfoque, o modelo da troca considera a obrigação de dar, receber e retribuir como fato consumado. Saímos da troca entre dar e retribuir, para a troca dar e receber. O reconhecimento da dimensão recíproca da relação entre a demanda e a oferta do perdão constitui uma etapa da reconstrução integral dessa relação. A outra, está relacionada a incondicionalidade do perdão e a condicionalidade do pedido de perdão (RICOEUR, 2007, p. 489).

A confissão e o perdão são uma troca. Pedir perdão também é manter-se disposto a receber uma resposta negativa (RICOEUR, 2007, p. 489), como já foi dito anteriormente. Entretanto, ocorrendo os dois atos de discurso, a confissão, “eu te peço perdão”, e a absolvição, “eu te perdoo”, o dano é efetivamente confessado e efetivamente perdoado (RICOEUR, 2007, p. 492).

A questão é compreender como isto ocorre, considerando a equação do perdão, a incondicionalidade do perdão e a condicionalidade do pedido de perdão. A desproporção entre a palavra de perdão e de confissão remonta a força capaz de pedir, de dar, de receber a palavra perdão (RICOEUR, 2007, p. 492).

O perdão tem o efeito de dissociar a dívida de sua carga de culpabilidade, mas também de desligar o agente de seu ato. Esse desligamento permite ao culpado, tornar-se capaz de recomeçar (RICOEUR, 2007, p. 497).

Paul Ricoeur (sem data, p. 07, 08) destaca que o perdão não está restrito a dimensão teológica, alcançando a política. Reconhece a grandeza de certos homens políticos, como o chanceler Brandt, o presidente Havel, o Rei de Espanha, o Presidente de Portugal, por terem pedido perdão às vítimas dos excessos cometidos pelos seus antecessores.

Nesta esteira, a comissão “Verdade e Reconciliação” na África do Sul, também merece menção. Seu objetivo era coletar testemunhos, consolar os ofendidos, indenizar as vítimas e anistiar quem confessasse ter cometido crimes políticos durante o regime do *apartheid*. Tratava-se de uma justiça dita reparadora à população, que não visava o perdão, mas a reconciliação na dimensão política. As audiências permitiram um exercício público do “trabalho de memória” e “trabalho de luto”, suscitando uma catarse compartilhada (RICOEUR, 2007, p. 489).

O perdão se revela como cimento entre o “trabalho de memória” e o “trabalho de luto”, devido a própria generosidade (RICOEUR, sem data, p. 08).

Insta salientar que, em relação à institucionalização do perdão, Ricoeur (2007, p. 495) trata da anistia como caricatura do perdão, apresentando-a como uma forma institucional do esquecimento.

### III. As mensagens do Papa João Paulo II sobre perdão e paz

O Papa João Paulo II tratou o perdão e a paz em duas mensagens para celebração do Dia Mundial da Paz, a saber, “Oferece o perdão, recebe a paz”, mensagem para o XXX Dia Mundial da Paz, celebrado em 01º de janeiro de 1997; e “Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão”, mensagem para o XXXV Dia Mundial da Paz, celebrado em 01º de janeiro de 2002.

A mensagem do Papa João Paulo II (1997, p. 01) na celebração do XXX Dia Mundial da Paz, em 01º de janeiro de 1997, intitulada “Oferece o perdão, recebe a paz”, destaca que é tempo de emprendermos uma verdadeira peregrinação de paz. São muitos os fatores que podem influir favoravelmente no restabelecimento da paz, salvaguardando os imperativos da justiça e da dignidade humana. Mas nenhum processo de paz poderá ter início, sem uma atitude de sincero perdão. Sem este, as feridas continuam a sangrar, alimentando ao longo de sucessivas gerações um rancor sem fim, que é fonte de vingança e causa de sempre mais ruínas. O perdão oferecido e aceito é a premissa indispensável para caminhar rumo a uma paz autêntica e estável.

A história carrega consigo um pesado fardo de violências e conflitos. Mas, não se pode ficar prisioneiro do passado. É preciso purificar a memória, para que os males de ontem não se repitam. Não se trata de esquecer o passado, mas de fazer uma releitura a partir de novos sentimentos, aprendendo com as experiências sofridas que só o amor constrói, enquanto o ódio produz devastação e ruínas. É preciso substituir a repetitividade sufocante da vingança pela novidade libertadora do perdão (JOÃO PAULO II, 1997, p. 03).

O Papa (1997, p. 03) destaca que o primeiro passo à reconciliação é o respeito às diversidades. A repressão às diversidades pode dar origem a uma paz aparente, mas gera uma situação precária que prenuncia novas explosões de violência.

A paz duradoura prescinde da adoção de um estilo de convivência humana, caracterizado pelo acolhimento recíproco e capaz de um perdão sincero. À medida que

precisamos ser perdoados, devemos estar prontos a perdoar. Pedir e conceder o perdão, é digno. E, por vezes, a única via para sair de situações marcadas por ódios antigos e violentos. (JOÃO PAULO II, 1997, p. 05)

Para João Paulo II (1997, p. 05) o perdão é um ato de amor gratuito, que tem dois pressupostos essenciais, a verdade e a justiça.

O perdão exige a verdade. Nesse sentido, foram promovidas, em diversas partes do mundo, investigações acerca de prevaricações de grupos étnicos ou de nações. Tendo sido concedido anistia aos que publicamente reconheceram as prevaricações cometidas (JOÃO PAULO II, 1997, p. 05).

A justiça não se limita a estipular o que é reto entre as partes em conflito, mas visa restabelecer relações autênticas com Deus, com nós mesmos, com os outros. Não existe contradição entre perdão e justiça. Nenhuma punição pode mortificar a dignidade inalienável de quem praticou o mal. A porta ao arrependimento e à reabilitação deve ficar sempre aberta (JOÃO PAULO II, 1997, p. 06).

O Pontífice (1997, p. 06, 07) destaca que Deus, na sua benigna propensão ao perdão, se deu ao mundo na pessoa do Filho, Jesus, e que diante das ofensas dos homens que culminaram em sua crucificação, reza, “Perdoai-lhes, ó Pai, porque não sabem o que fazem”, conforme o Evangelista Lucas, no capítulo 23, versículo 34, das Sagradas Escrituras. Jesus pregou o perdão de Deus e a exigência do perdão recíproco como condição para obtê-lo, tal como no “Pai nosso”, em que pedimos ao Pai, que perdoe nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, conforme versículo 12, capítulo 6, no Evangelho de Mateus das Sagradas Escrituras. Ao dizermos “assim como”, Jesus coloca em nossas mãos a medida com que seremos julgados por Deus.

No novo milênio, o Papa João Paulo II retoma ao tema, perdão, quando da celebração do XXXV Dia Mundial da Paz, em 01º de janeiro de 2002, com a mensagem intitulada “Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão”, marcada pelos acontecimentos do dia 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos.

O Pontífice (2002, p. 01, 02) faz uma reflexão acerca do caminho a ser percorrido para o restabelecimento da ordem moral e social, violadas barbaramente pelos acontecimentos do dia 11 de setembro de 2001, que se dará através da conjugação da justiça e do perdão. As colunas da verdadeira paz são a justiça e o perdão, que é uma forma particular de amor.

João Paulo II (2002, p. 02,03) afirma que o terrorismo nasce do ódio e se baseia no desprezo da vida do homem, constituindo-se um verdadeiro crime contra a humanidade. A trágica espiral da violência arrasta gerações futuras, que herdaram o ódio causador das divisões precedentes. É legítimo defender-se deste crime, respeitando as regras morais e jurídicas. A responsabilidade penal é pessoal, não se estendendo às nações, às etnias, às religiões a que pertençam os terroristas.

Para o terrorista, a verdade em que crê, ou o sofrimento que padece, legitima a sua ação de matar vidas humanas inocentes. Entretanto, matar em nome de Deus é profanar a religião e nenhum ministro religioso deve pregar ou ser indulgente para com o terrorismo (JOÃO PAULO II, 2002, p. 03).

O perdão é uma decisão pessoal, uma opção do coração, contrário ao instinto espontâneo de devolver o mal com o mal. O ser humano ao cometer o mal, espera que o outro seja tolerante para com ele, na esperança de poder retomar o percurso da vida sem ficar prisioneiro dos próprios erros e culpas (JOÃO PAULO II, 2002, p. 04).

O perdão também possui uma dimensão social. As famílias, os grupos, os Estados, a Comunidade internacional, necessitam se abrir ao perdão para restaurar os laços interrompidos, superar situações estéreis de mútua condenação. A capacidade de perdão está na base de uma sociedade futura mais justa e solidária. (JOÃO PAULO II, 2002, p. 04)

A falta de perdão alimenta o prolongamento dos conflitos, gerando um alto custo ao desenvolvimento dos povos. Recursos financeiros que poderiam ser destinados ao desenvolvimento, à promoção da paz e justiça, e estão financiando guerras, corrida armamentista e represálias econômicas. (JOÃO PAULO II, 2002, p. 05).

O Pontífice (2002, p. 05) recorda o conflito árabe-israelita que perdurava há mais de cinquenta anos na Terra Santa, alimentado por ódio profundo e dilacerante, espiral de tragédias pessoais e coletivas sem fim. Propondo aos povos envolvidos que se empenhem por uma nova era de mútuo respeito e colaboração construtiva.

Por fim, João Paulo II (2002, p. 06) pede a compreensão e cooperação inter-religiosa, colocando as religiões a serviço da paz entre os povos e contra o terrorismo, a fim de difundirem a pedagogia do perdão. O homem que perdoa ou pede perdão entende que existe uma Verdade maior do que ele e, acolhendo-a, consegue ele mesmo transcender-se a si próprio.

#### IV. Um diálogo sobre o percurso do perdão à paz

Não há como dialogar sobre o percurso do perdão à paz, sem antes destacar a história de vida do Papa João Paulo II. Nascido em Wadowice, Polônia, em 18 de maio de 1920, se chamava Karol Wojtyła. Na Cracóvia, Polônia, foi ordenado sacerdote em 1946; nomeado bispo auxiliar em 1958; nomeado arcebispo em 1964 e proclamado cardeal em 1967. Eleito Papa no conclave de outubro de 1978, tornou-se João Paulo II. Foi o primeiro Pontífice eslavo da história e primeiro não italiano depois de quase meio milênio, desde Adriano VI (1522-1523).<sup>1</sup>

João Paulo II durante seu papado abordou temas voltados aos direitos do homem e da liberdade religiosa, tendo contribuído de maneira relevante para as mudanças que levaram a queda do muro de Berlim em 1989 e o sucessivo colapso dos regimes filossoviéticos.<sup>2</sup>

Foi vítima de um atentado na Praça São Pedro, no Vaticano, em 13 de maio de 1981, enquanto cumprimentava os fiéis presentes, tendo sido atingido por dois disparos realizados pelo turco Mehmet Ali Agca. Na ambulância, a caminho do hospital, percebendo a gravidade do ferimento, o Pontífice falou ao Cardeal Dom Stanislaw, seu secretário, que perdoava o autor do atentado. Resistiu aos ferimentos, e cinco dias depois do atentado, ainda no hospital, enquanto recitava o *Angelus* para os fiéis que se encontravam na Praça São Pedro, disse: “Peço pelo irmão que me feriu, a quem perdoei sinceramente”. Tempos depois, no Natal de 1983, João Paulo II se encontrou com Ali Agca na prisão.<sup>3</sup>

A fase final do pontificado de João Paulo II foi marcada pelo progressivo agravamento das condições de sua saúde, que, depois de uma longa e angustiante agonia, acabou falecendo em 02 de abril de 2005.<sup>4</sup> Foi proclamado beato em 01 de maio de 2011, pelo Papa Bento XVI, seu sucessor imediato; e canonizado em 27 de abril de 2014, pelo Papa Francisco, em uma cerimônia que contou com a presença do Papa Bento XVI, tornando-se São João Paulo II.<sup>5</sup>

De acordo com o jornalista Paul Johnson (2008, p. 250, 251), no ambiente secular, João Paulo II era visto como estadista eclesiástico, que assumiu seu mandato em momento

---

<sup>1</sup> [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20190722\\_biografia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html)

<sup>2</sup> [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20190722\\_biografia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html)

<sup>3</sup> <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-12/papa-joao-paulo-ii-atentado-rebibbia.html>  
<https://www.a12.com/redacaoa12/santo-padre/joao-paulo-ii-o-atentado-o-perdao-e-a-misericordia>

<sup>4</sup> [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20190722\\_biografia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html)

<sup>5</sup> <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/10/22/s--joao-paulo-ii--papa.html>

crítico para o Vaticano, estabilizando a Igreja, destacando-se pela pureza de comportamento e pela grande sofisticação intelectual. Durante seu pontificado não se desviou do programa de restauração proposto. Trabalhou, governou, leu e rezou até o fim. Morreu de forma heroica, permanecendo como Vigário de Cristo enquanto o vigor de seu corpo permitiu.

Insta salientar que o filósofo francês Paul Ricoeur recebeu o “Prêmio Internacional Paulo VI” das mãos do Papa João Paulo II em 05 de julho de 2003. O referido prêmio é tido como o “Nobel católico” e conferido de cinco em cinco anos a uma personalidade ou instituição que se destaca de maneira significativa no âmbito da cultura de inspiração religiosa. Na ocasião, o Papa em seu discurso destacou a contribuição generosa de Paul Ricoeur ao diálogo ecumênico entre católicos e reformados, enalteceu sua investigação na relação entre a filosofia e teologia, entre fé e cultura, sendo um homem de fé, comprometido na defesa dos valores humanos e cristãos.<sup>6</sup>

Feitas estas considerações, podemos dialogar sobre o percurso do perdão à paz.

Conforme analisado na primeira parte do presente estudo, Paul Ricoeur ao discorrer sobre o perdão, enfatiza que perdoar não significa esquecer. O perdão busca anular a dívida, não o esquecimento. É uma espécie de cura da memória, que encerra o luto, que retira o peso da dívida, ficando a memória livre para o futuro e sendo capaz de recomeçar. Está relacionado à economia da dádiva. O perdão deve ser pedido à vítima, podendo ser concedido ou não, não se trata de um direito. O perdão não está restrito a dimensão teológica, também se aplicando a dimensão política.

Na segunda parte do presente estudo, foram analisadas duas mensagens de João Paulo II acerca do perdão e da busca pela paz.

A mensagem do Papa em 1997 nos remete a uma peregrinação de paz, a fim de salvaguardar os imperativos da justiça e da dignidade humana. A premissa para caminharmos rumo à paz autêntica e estável é o perdão oferecido e aceito. Não devemos ficar presos ao passado, nem esquecê-lo. Mas, devemos fazer uma releitura a partir de novos sentimentos. Substituindo o ciclo sufocante da vingança pela novidade libertadora do perdão. A paz duradoura pode ser obtida através do acolhimento recíproco e do perdão sincero. Por vezes, o perdão é a única saída.

---

<sup>6</sup>[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2003/july/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20030705\\_premio-paolo-vi.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2003/july/documents/hf_jp-ii_spe_20030705_premio-paolo-vi.html)

Passados cinco anos, a mensagem do Papa exorta as nações a combaterem o terrorismo, considerando os atentados do dia 11 de setembro de 2001 ocorridos nos Estados Unidos. Novamente a espiral do conflito se apresenta, agora sob a face do terrorismo, que usa o nome de Deus para matar. Nenhuma religião deve aceitar ou acobertar este tipo de ato, ao contrário, deve se colocar a serviço da paz entre os povos e contra o terrorismo, na promoção da pedagogia do perdão. As colunas da verdadeira paz são a justiça e o perdão, que é uma forma particular de amor. A falta de perdão alimenta os conflitos, custeia a guerra, não sobrando recurso para financiar o desenvolvimento, à promoção da paz e justiça. Os povos e as nações precisam se abrir ao perdão.

Para iniciarmos o percurso do perdão à paz, precisamos estar abertos ao perdão. Mas, abertos ao perdão sincero, isto é, solicitado e aceito. Concedido o perdão, poderemos olhar o futuro de maneira livre, sem as amarras do passado. Baseados na verdade e na justiça, anistiados. Sem contudo, deixarmos de carregar nossas memórias, a fim de que não caiamos nos mesmos erros. Enfim, livres para vivermos uma nova história, sob o pálio da justiça. Na busca do bem estar coletivo, na promoção da paz entre os povos.

Para alcançarmos a paz é preciso que as nações rompam com o ciclo beligerante, que envolve interesses econômicos, por vezes acobertando atividades ilícitas como o tráfico de armas, tráfico de drogas, tráfico de seres humanos, o terrorismo, que semeiam o ódio e promovem a guerra.

O Papa João Paulo II em suas mensagens exorta a paz entre as nações. Infelizmente, não há como falar de paz, sem falar de guerra. Talvez se fale mais de guerra, do que de paz.

“As guerras se iniciam nas mentes dos homens, é na mente dos homens onde devem ser construídas as defesas da paz”, declara a Constituição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO.<sup>7</sup> Devemos falar de paz cada vez mais. Devemos falar de paz em nossos lares, no ambiente educacional, propagando-a em todos os níveis para que a paz possa imperar em nossa sociedade.

Na promoção de uma Cultura de Paz a UNESCO aprovou, em 06 de outubro de 1999, a Resolução 53/243, que trata da Declaração e do Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz, objetivando que os Governos, as organizações internacionais e a sociedade civil orientem suas atividades pelas sugestões apresentadas no referido documento, na promoção e

---

<sup>7</sup> <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000147273>

fortalecimento de uma Cultura de Paz, cujo conceito é apresentado no artigo 1º da Declaração.<sup>8</sup>

A UNESCO destaca que os governos têm função primordial na promoção e no fortalecimento de uma Cultura de Paz, e que a sociedade civil deve comprometer-se com o seu desenvolvimento, na forma dos artigos 5º e 6º da Declaração.<sup>9</sup> Inclusive, atribui a diversas camadas da sociedade o papel-chave na promoção da Cultura de Paz, conferindo responsabilidade aos pais, aos educadores, políticos, grupos religiosos, filósofos, dentre outros, na forma do artigo 8º da Declaração.<sup>10</sup>

A paz não é apenas a ausência de conflitos, requer um processo positivo, dinâmico e participativo com a promoção do diálogo, a fim de solucionar os conflitos através do entendimento e da cooperação, reconhece a UNESCO na Declaração sobre uma Cultura de Paz. Entretanto, a paz para ser alcançada, precisa estar pautada na solidariedade intelectual e moral da humanidade, declara a UNESCO em sua Constituição.

Passaram-se vinte anos da mensagem do Papa João Paulo II intitulada “Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão”. Apesar das duas décadas transcorridas, o texto permanece

---

<sup>8</sup> Declaração sobre uma Cultura de Paz. Artigo 1º “Uma Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados: a) No respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação; b) No pleno respeito aos princípios de soberania, integridade territorial e independência política dos Estados e de não ingerência nos assuntos que são, essencialmente, de jurisdição interna dos Estados, em conformidade com a Carta das Nações Unidas e o direito internacional; c) No pleno respeito e na promoção de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais; d) No compromisso com a solução pacífica dos conflitos; e) Nos esforços para satisfazer as necessidades de desenvolvimento e proteção do meio-ambiente para as gerações presente e futuras; f) No respeito e promoção do direito ao desenvolvimento; g) No respeito e fomento à igualdade de direitos e oportunidades de mulheres e homens; h) No respeito e fomento ao direito de todas as pessoas à liberdade de expressão, opinião e informação; i) Na adesão aos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e entendimento em todos os níveis da sociedade e entre as nações; e animados por uma atmosfera nacional e internacional que favoreça a paz.”  
<http://www.comitepaz.org.br/download/Declara%C3%A7%C3%A3o%20e%20Programa%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20uma%20Cultura%20de%20Paz%20-%20ONU.pdf>

<sup>9</sup> Declaração sobre uma Cultura de Paz. Artigo 5º “Os governos têm função primordial na promoção e no fortalecimento de uma Cultura de Paz.” Artigo 6º “A sociedade civil deve comprometer-se plenamente no desenvolvimento total de uma Cultura de Paz.”  
<http://www.comitepaz.org.br/download/Declara%C3%A7%C3%A3o%20e%20Programa%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20uma%20Cultura%20de%20Paz%20-%20ONU.pdf>

<sup>10</sup> Declaração sobre uma Cultura de Paz. Artigo 8º “Desempenham papel-chave na promoção de uma Cultura de Paz os pais, os professores, os políticos, os jornalistas, os órgãos e grupos religiosos, os intelectuais, os que realizam atividades científicas, filosóficas, criativas e artísticas, os trabalhadores em saúde e de atividades humanitárias, os trabalhadores sociais, os que exercem funções diretivas nos diversos níveis, bem como as organizações não-governamentais.”  
<http://www.comitepaz.org.br/download/Declara%C3%A7%C3%A3o%20e%20Programa%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20uma%20Cultura%20de%20Paz%20-%20ONU.pdf>

atual, o conflito árabe-israelita continua acirrado, ataques terroristas assombram as nações do mundo, guerras são declaradas, a Rússia invadiu a Ucrânia em fevereiro de 2022 e o conflito armado já dura oito meses.

A pedagogia do perdão, proposta pelo Papa João Paulo II, deve ser colocada em prática por cada um de nós, principalmente em nosso ambiente familiar, berço da formação de caráter do ser humano.

O perdão é o remédio para a sociedade. O perdão cicatriza a ferida. Enquanto a chaga estiver aberta, haverá dor. Por outro lado, o perdão trará a paz, a oportunidade do recomeço.

Para obtenção da pacificação social é fundamental o perdão, é preciso promover a compreensão e tolerância entre nações, grupos raciais e grupos religiosos.

A violência gera violência e não há como retroceder a espiral do conflito, mas é possível interromper o ciclo de violência e começar uma nova era de paz e respeito mútuo. Por vezes, o perdão é a única saída para a promoção de uma sociedade mais justa e solidária.

## V. Conclusão

Falar de perdão é uma tarefa árdua. Paul Ricoeur, com brilho invulgar, discorre acerca do perdão, frisando sua finalidade, que não é o esquecimento, mas a cura da memória, permitindo que a pessoa possa recomeçar, sem o peso da dívida. Fazendo com que a pessoa valha mais que seus atos. As mensagens de João Paulo II são uma exortação ao perdão como instrumento de pacificação social.

A história de vida do Papa João Paulo II dá um contorno especial ao tema. Pois, ele próprio, vivenciou a experiência do perdão, e seu papado foi um verdadeiro percurso rumo à paz, sendo um peregrino da paz. O pontífice concluiu sua missão na terra como líder mundial da Igreja Católica Apostólica Romana. A Igreja, em reconhecimento as suas obras e seus esforços, o beatificou e santificou. Agora não mais Papa João Paulo II, mas São João Paulo II.

No percurso do perdão à paz percebemos que o perdão aproxima as pessoas, os povos, na busca por uma Cultura de Paz.

Exorto a todos que sejam peregrinos da paz, que vivam e difundam a pedagogia do perdão, conforme os ensinamentos de São João Paulo II, pois a transformação da sociedade

começa por atitudes individuais, tal como o bater de asas de uma borboleta que pode influenciar o curso da natureza.

## Referências

COMITÊ DA CULTURA DA PAZ. *Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz*. Disponível em <<http://comitepaz.org.br/>>. Acesso em: 14 de set. de 2022.

JOÃO PAULO II. *Oferece o perdão, recebe a paz*. Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXX Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 1997. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_08121996\\_xxx-world-day-for-peace.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_08121996_xxx-world-day-for-peace.html)>. Acesso em: 14 de set. de 2022.

JOÃO PAULO II. *Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão*. Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXXV Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2022. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_20011211\\_xxxv-world-day-for-peace.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20011211_xxxv-world-day-for-peace.html)>. Acesso em: 14 de set. de 2022.

JOHNSON, Paul. *Os Heróis: de Alexandre o grande e Julio César a Churchill e João Paulo II*. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Constituição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura*. Disponível em <<https://unesdoc.unesco.org/>>. Acesso em: 14 de set. de 2022.

Ricoeur, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alan François. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

Ricoeur, Paul. *O justo 1: a justiça como regra moral e como instituição*. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

Ricoeur, Paul. *O perdão pode curar?* Tradução de José Rosa. Lusofia Press. s/d. Disponível em <[http://www.lusosofia.net/textos/paul\\_ricoeur\\_o\\_perdao\\_pode\\_curar.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/paul_ricoeur_o_perdao_pode_curar.pdf)>. Acesso em: 14 de set. de 2022.

## Sítios visitados

A12 REDAÇÃO. Disponível em <<https://www.a12.com/redacaoa12/santo-padre/joao-paulo-ii-o-atentado-o-perdao-e-a-misericordia>>. Acesso em: 14 de set. de 2022.

COMITÊ DA CULTURA DA PAZ. Disponível em <<http://comitepaz.org.br/>>. Acesso em: 14 de set. de 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. Disponível em <<https://unesdoc.unesco.org/>>. Acesso em: 14 de set. de 2022.

VATICANO. Disponível em <<https://www.vatican.va/content/vatican/pt.html>>. Acesso em: 14 de set. de 2022.